

IDENTIDADE, INTERSUBJETIVIDADE E PERFORMATIVIDADE

Zionel Santana

Doutor em Filosofia, professor no Programa de Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino na Universidade Vale do Rio Verde – Unincor/ Três Corações/MG, zionelsantana53@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é um convite a reflexão sobre a constituição identitária de gênero nas bases do paradigma da intersubjetividade. O paradigma da intersubjetividade é dependente da razão comunicativa que leva em consideração a constituição crítica do mundo que nos é dado com elemento constitutivo das ações. A constituição identitária é um processo também dependente das relações comunitária em constituição e reconhecimento. Desta forma, a constituição identitária vai muito mais além da autoafirmação limitada ao paradigma da subjetividade. Com a introdução do paradigma da intersubjetividade, entra em cena a comunidade dos falantes como reconhecimento da performasse resultante da constituição identitária. A constituição identitária no paradigma da subjetividade pressupõe no primeiro momento, as transformações psicossociais, isto é, mudanças em um contexto sociocultural em transformações. A limitação do paradigma da subjetividade não leva em consideração os atos de fala. Assim, com a introdução do paradigma da intersubjetividade temos mais chances que a performasse identitária possa ser bem-sucedida. Portanto, não há indivíduos puros nas relações identitárias, toda constituição identitária pressupõe que ela seja transpassada pelas experiências coletivas mediada pela linguagem.

Palavras-chave: Identidade, Intersubjetividade, Performatividade, Habermas.

Introdução

A constituição da identidade não só limita, mas é dependente do reconhecimento do outro. Exigindo assim, ações de aprovação e aceitação da constituição identitária. Nessa interrelação, o outro não determina a identidade, mas se apresenta como uma folha de contraste. Há momentos que as experiências individuais são solitárias-, só dependem do indivíduo no seu processo de subjetivação. Mas, ainda sim, a identidade permanece dependente da alteridade. Pois, essa dependência se dá pela intersubjetividade, as minhas experiências são transpassadas pela linguagem. Essa relação identitária se configura na égide de elementos fundamentais: uma teoria da constituição da sociedade com normas e regras descritivas e sujeitos intersubjetivantes socializados que se produzem na medida em que suas práticas cotidianas se orientam a objetos susceptíveis de experiências

Esses elementos podem ser denominados na perspectiva durkheimiana de valores ou estruturas que constituem uma comunidade, na forma de uma consciência individual e coletiva no intenso processo de interação social da consciência de um grupo. Podemos entender esse processo como uma alteridade comunitária.

A consciência social, não se dá em todos os indivíduos da mesma forma, mas em alguns ela se desenvolve como uma consciência crítica. Essa consciência social, se apresenta diferentemente aos indivíduos. O que nos parece, é uma formação de uma consciência social crítica limitada e restrita, mas, dependente de uma linguagem.

Metodologia

A constituição deste artigo partiu de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Köche (2015, p, 122) “Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação”. Portanto, parte da apropriação de conceitos e concepções na literatura. Aqui em específico, Jürgen Habermas (2001, 2007). Desta forma adotou-se o método hipotético-dedutivo (MARCONI; LAKATOS 2009) a partir do problema levantado sobre aproximação da ideia da

constituição da identidade no paradigma da intersubjetividade. Na concepção de Marconi e Lakatos (2009) o método hipotético-dedutivo parte de uma questão que suscita dúvidas-, ao qual pressupõe propostas provisórias a partir de teorias e hipóteses de trabalho. Assim, pretende apontar possíveis caminhos diferentes dos já apresentado nas teorias estudadas.

Intersubjetivas compartilhadas

A subjetividade ainda permanece em bases monológicas. Para Habermas (2007), a teoria da constituição sociológica husserliana oferece uma vantagem em relação a Kant. Husserl propõe uma subjetividade cujas operações têm um Caráter universal. Com isso, ele abre uma teoria da constituição da sociedade com normas e regras descritivas e sujeitos intersubjetivantes socializados que se produzem na medida em que suas práticas cotidianas se orientam a objetos susceptíveis de experiências (HABERMAS, 2007, p. 41).

Outra vantagem é a constituição de uma consciência geral, sem o plano de “eu” transcendental, particular do observador fenomenológico. E ainda, conta com uma pluralidade de “eus”, “eus” transcendentais que precedem a própria subjetividade em um mundo com uma relação em e com o outro (HABERMAS, 2007), em uma experiência intersubjetiva socializada que se expressa em sistemas simbólicos de linguagem natural, onde o saber acumulado está dado ao sujeito particular como tradição cultural (HABERMAS, 2007, p. 39).

A nossa consciência, com sua estrutura intencional exige a possibilidade de diferenciar entre realidade meramente indireta de uma realidade direta dos objetos, uma diferenciação entre a realidade direta e realidade mediata de objetos possíveis como uma diferença entre a realidade não intuitiva e a realidade intuitivamente executada, que se configura na articulação lingüística no discurso enunciativo com sujeitos e predicados efetuados mediante expressões relativas a situações. Para a nossa consciência, toda intenção se apresenta entrelaçada com o mundo objetivo. Mas, ato de consciência manifesta – se através do sentido do objeto pretendido, e antecipa o fático desse objeto a que a intenção dirige (HABERMAS, 2007, p. 44). Na compreensão husserliana, a formação da consciência ela se dá frente à experiência fenomenológica da observação do eu transcendental, mas a compreensão desse fenômeno depende de uma construção a priori

da linguagem e a sua socialização. Portanto, há um entrelaçamento entre o “eu” o fenômeno e a linguagem. É neste ponto que Habermas se atém e se prende. Esse entrelaçamento se dá por causa do envolvimento de turbilhões de experiências, valores, símbolos mediados pela linguagem em uma comunidade socializada. Não seria possível conceber um sujeito puro desnudado de linguagem. Por exemplo, ao se referir ao sol em um ato de fala, o ouvinte só entenderia a intenção do falante se ele estiver dentro de um contexto socializado da estrutura simbólica da linguagem. Porque há uma distinção e entrelaçamento lingüístico com o mundo objetivo. Toda vez que o falante faz jus desse discurso o “eu” se dirige a objeto de seu entorno e se ocupa dele desse ou daquela maneira.

A tese de Habermas é que esse processo da nossa consciência é universal pois, a vida tem que poder fazer – se derivar da execução de atos de uma subjetividade, cujas operações se explicitam nos entrelaçamentos de sentidos que são os objetos possíveis acessíveis a intuição (HABERMAS, 2007, p. 46). A afirmação de Habermas é que com Husserl aparece a clara universalidade com que os reinos do conhecimento entrelaçam entre si, todas as formas de operações procedentes da subjetividade, da afetividade e da vontade.

O “eu” o que constitui o outro como elemento de meu mundo, mas o outro não se apresenta fora de uma subjetividade originariamente nas operações constituinte que ele exerce, como teria que ser em princípio, se o outro fosse na verdade algo constituído pelas minhas percepções. Retomaria ao dilema da consciência monológica, o outro é uma construção da minha subjetividade. Assim, eu constituo o alter em uma perspectiva subjetivista. Esta prática estaria na ilusão desta constituição do alter. Dessa forma, Husserl não tem como fugir da constituição do alter em bases monológicas. Isso acontece porque Husserl não tomou como pano de fundo o mundo objetivo. Pois, a objetividade do mundo está aí, como ele mesmo, o mundo para todos, só me é dado como objetivo a natureza que eu constituo nas formas de autorrepresentação idêntica para todos os demais. Portanto, neste mundo da vida os sujeitos socializados se movem, já sempre no plano transcendental que é a intersubjetividade. A tese de Habermas é a concepção que o mundo da vida, possibilita a conexão da vida cotidiana e o possível entrelaçamento de perspectivas, quando assumimos reciprocamente evitando as armadilhas da constituição do alter na projeção à priori monológica do “eu” a posição do

alter. E só esse caminho que talvez transpormos uma intersubjetividade de bases monológica com o mundo social como pano de fundo e justamente com o conjunto dessas possibilidades de relações intersubjetivas compartilhadas.

Corpo e corporeidade

A concepção do “eu” transcendental de uma consciência da percepção dos fenômenos é Também transcendental. O “eu” se constitui na suposição de um estado inicial em que está dada uma natureza radicalmente desnuda de todos os demais sujeitos e de toda a relação intersubjetiva. Como já vimos antes, o mito do indivíduo puro, não existe mais, e muito menos uma natureza que possa ser acessível sem uma socialização das estruturas simbólicas. Pois, se assim o fosse a natureza não poderia estar posta para os indivíduos como natureza objetiva acessível.

Essa tentativa husserliana apresenta duas falhas na visão de Habermas que carecem de reflexões, **A)** a relação entre os corpos desta natureza, propriamente reduzida só em um único corpo que vem caracterizado como “meu corpo” e **B)** minha corporeidade vivenciada como um corpo extraordinário em que eu constituo o meu mundo, ordeno e estruturo a partir de subjetividade individuais. Essas duas falhas na perspectiva de Habermas, o conduzirá a seguir os passos da história da intersubjetividade de Husserl sobre a perspectiva da relação entre; corpo e corporeidade, objetividade, subjetividade e intersubjetividade.

A) O “eu” a princípio ainda é o primeiro a tomar consciência da experiência originária de sua corporeidade. O alter se forma da percepção do mundo corpóreo consciente da primeira experiência do “eu”. A corporeidade do alter apresenta uma vida – ato estranha que em princípio não me é acessível de forma direta. Mas, a compreensão do alter – já está a priori transcendentalmente constituído de forma subjetiva no âmbito da consciência fenomenológica de um saber epistêmico. Mas, o alter como objeto da minha consciência me manifesta no contexto do mundo social e nas interações sociais mediada pela linguagem.

Pois esta vida – ato do alter, mediada pela linguagem e objetivada na corporeidade o primeiro objeto estranho que surgem em meu mundo primitivo (HABERMAS, 2007, p. 53). Pois assim se constitui o

sentido do alter, sujeito a quem o seu corpo vem entrelaçado como corporeidade, da mesma maneira como a minha própria corporeidade. Como autoafirmação. Husserl recorre a troca de perspectivas espaciais como virtualmente pode tomar lugar da outra corporeidade alterar seu “ali” como o meu “aqui”. Isto é, uma troca de espaço de experiências interesses e perspectivas egocêntricas. Assim, também pode adaptar a perspectiva mundana do outro apresenta naquela corporeidade e relativizar a encadeamento da perspectiva do meu mundo e seu mundo em favor de uma perspectiva que nos seja comum. Ora, fica para Husserl a difícil tarefa de explicar por que em meu mundo primordial, em que só esse corpo destaca como minha corporeidade originariamente vivida, e perco a totalidade de todos os demais corpos em subconjunto dos corpos como potenciais corporeidade de outros sujeitos? Dessa forma, a corporeidade experimentada como corporeidade só aparente, quando não se produz tal concordância, pois ele só é aparente. Pois, com os gestos só posso entender os movimentos do outro corpo, aprender em termos analógicos, se já existe um conhecimento intersubjetivo de uma revisão de signos e de um léxico.

A análise de Habermas sobre as falhas das tentativas da fenomenologia husserliana na constituição de uma intersubjetividade se esbarrou na explicação da formação da consciência e autoconsciência, sem deixa claro essa passagem sem o entrelaçamento com o mundo social. Pois, para Habermas a mera concordância de apresentações e alternâncias sucessivas de lugares sucessivas não vale como critério de delimitação e esforço da intersubjetividade. (HABERMAS, 2007, p. 55).

No entanto, Husserl se engana por antecipar apresentação de um significado por uma expressão simbólica associado ao corpo. Desse modo Husserl não pode esperar nenhuma força formativa de sua teoria, pois não é lícito pressupor tal função semântica específica da linguagem, se o que se trata é de explicar a energia de uma relação intersubjetivista entre “eu” e o “alter” na relação que é a que teria que começar fazendo possível para o entender mutuo através de compartilhamento lingüístico. A modernidade vetou esse caminho, de uma mimesis formadora daquele que contempla, cai a premissa a intuição fenomenológica não tem apoio para sua pretensão formativa.

A constituição do mundo intersubjetivo

A constituição do mundo intersubjetivo de indivíduos socializados se dá a partir do entrelaçamento recíproco de perspectivas, onde todos os participantes aprendem. Assim os demais, como também a natureza desde o próprio ponto de vista. Os participantes envolvidos adotam a perspectiva do outro e não o seu lugar, isto é, o “eu” assume a terceira pessoa constituindo assim comunitariamente um mundo objetivo compartilhado lingüisticamente. (HABERMAS, 2007).

Dessa maneira, o mundo só se constitui mediante uma relação simétrica que permita igualmente ao alter colocar – se em meu lugar, colocar – se no lugar da interioridade apresentada a de identificar meu mundo como seu pela mediação da linguagem nas expressões verbais. Isso se manifesta frente a compreensão das experiências que reconhece na experiência do alter um saber epistêmico, objetivo lingüisticamente compartilhado pela autoconsciência. Mas, esse conhecimento epistêmico compartilhado no mundo social, não acontece em Husserl de forma recíproca e completa. Pois, ainda está presa a concepção subjetivista individualizada que anula a perspectiva do alter e seu conhecimento. Mas, a falha está no delineamento fenomenológico do eu mediante a subjetividade ainda presa no fundamento transcendental, ainda mais, o “eu” do fenomenológico se mantém sempre durante a autoconsciência a função de um eu – primeiro prévio ou um eu – primitivo na consciência (HABERMAS, 2001).

Conclui Habermas, que a fenomenologia husserliana como teoria da constituição dos indivíduos e suas experiências e formação da autoconsciência no mundo objetivo intersubjetivamente comunitarizada e compartilhada a todos, não pode fazer – se plausível por esta via. Uma vez que a experiência socializada intersubjetivamente em sentido strito não pode apresentar – se sem o conceito de um sentido comum e compartilhado por diversos indivíduos. Desse modo, os significados idênticos não se formam na estrutura de um indivíduo solitário de uma realidade a partir de uma razão isolada que se apóia em métodos e enunciada universais, estabelecem máximas para a construção do saber como verdade enquanto evidência subjetiva, observador dos fenômenos contemplado o seu mundo. Até aqui, Habermas analisou os fundamentos da intersubjetividade husserliana, e se convenceu que ela apresenta falhas, que todo esforço de Husserl

ainda permanece preso ao fundamento monológico. Isso nos leva a indagar qual então seria uma possível saída para esta questão? Ou se mesmo em bases monológicas Habermas apresenta outros argumentos convincentes?

A tese de Habermas é que as teorias da comunicação gozam da vantagem de partir de imediato da relação intersubjetivista ao contrário das teorias da constituição que tratam em vão de deduzir a partir das operações da consciência monádica.

Conclusão

A subjetividade é constituída de forma partilhada, distinguindo-se o eu do outro e, por conseguinte, por um seu igual. Os indivíduos fazem distinção entre pessoas gerais, com características naturais, que falam e agem e que são inconfundíveis. Esse reconhecimento mútuo se dá quando surge o momento do sentimento de pertencimento a uma comunidade particular, que tem muitas coisas em comum, entre elas o mundo social, a linguagem, a cultura, os direitos e os deveres. Mas a partir desse reconhecimento mútuo, surgem limitações: a constituição da intersubjetividade das visões de mundo, das formas de vida estruturadas, simbolicamente partilhadas; a diferenciação entre particular, universal e individual e o reconhecimento de que todos são membros da mesma comunidade e diferentes uns dos outros. Isso ainda não garante que os indivíduos façam uso da Razão Comunicativa ao se referirem ao mundo da vida. Com esses argumentos,

Habermas avança com sua tese de que a intersubjetividade está entrelaçada à noção de estrutura do reconhecimento mútuo, que lhe rendeu explicações sobre o partilhar e a visão de mundo, essenciais à participação de indivíduos na *práxis* comum. Dessa maneira, os traços básicos da intersubjetividade do entendimento mútuo entre sujeitos que falam e agem, configuram-se na moldura pragmática do uso linguístico e do agir social.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Fratechi Vieira, 7. ed. SP: Editora HUCITEC, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo.** Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa.** Trad. Manuel Jiménez Redondo. Bueno Aires: Taurus, 2001. (Vol I).

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão destrancendentalizada.** Tradução Lúcia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo Agir Comunicativo e razão destrancendentalizada.** Tradução Lucia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002

HABERMAS, Jürgen. **Entre o naturalismo e a religião.** Tradução de Flávio Beno Siebeneichler Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.